

Antonio Fernando Cambongue

# Passos Na Areia

Romance

# na Areia



NiceVideosC

## O AUTOR

Por vezes pensamos e admiramos histórias misteriosas e inúmeras aventuras, em fim, criadas e montadas de formas surpreendentes, apresentadas em cinemas ou simplesmente escritas. E, muitas vezes perguntamos: - Mas como foi a ponto de pensar em tal aventura? Depois de alguns minutinhos esquecemos que nos perguntamos e que também pensamos em algo no decorrer da série. E isso já é um princípio, é um talento. Mas isso não é tudo. Isso mesmo, talento não é tudo. Vale apenas extirpar o medo de economizar o tempo, quando o assunto é conhecimento, leitura, nem que for à nós mesmos, devemos fazer uma leitura. E, como uma cacoépia, se por sorte alguém te perguntar: oi como vai? Possamos responder: estou em plena calma, ditosa e idosa paz.

Sempre tive vontade de acreditar que a passagem mais barata para conhecer o mundo é através da leitura.

Então, boa viagem!

*A vida é feita de perguntas,  
Viver é descobrir as respostas.*

*Fernando Cambongue*

# Passos Na Areia

**António Fernando Cambongue**

*"Para produzir novas ideias é mais importante a imaginação do que o excesso de informação".*

*Albert Einstein*

ÍNDICE

**Agradecimentos**

**Dedicatória**

**Prefácio**

**Era uma vez...**

**Mulher Pequena**

**Passos na aréia**

**Biografia**



## *AGRADECIMENTOS*

Agradeço à Deus, arquitecto da vida e de todo existir. A Ele, Senhor de todas as causas, agradeço-o de todo o meu coração, pela oportunidade de existir e pela sabedoria das letras que me cedeu para hoje ter este nobre livro.

Agradeço à Dr<sup>a</sup>. Professora Lídia Vindula pelo seu carinho, dedicação, simplicidade e pela sua nobre natureza orientadora. Reconheço que foi por meio de sua calma reitora, que estes escritos se tornaram numa obra com critérios correctos e educativos.



## *DEDICATÓRIA*

Este livro dedico ao meu caríssimo amigo Dr. Domingos Quito Fernando, a quem devo muito respeito, consideração, admiração e acima de tudo, devo-o compromisso de acreditar em mim.

De acordo com o historiador Elikia M.Bokolo, tudo que é escrito, é antes de mais pensado. Você me ensinou a viver a custa das respostas da vida, a pensar e a acreditar...

## *PREFÁCIO*

Algumas vezes já perguntou, se pudesse existir uma obra literária que unisse emoção e educação? Muito bem, tem na sua posse "Passos Na Areia", o livro mais emocionante e educativo que sempre esperou. Uma obra que liga o leitor da primeira à última página.

Uma história de Tobonha, cujo procura de todas as formas, desenhar um palco de amor, ignorando a distância e o impossível.

É de certo, um livro bastante educativo, que obriga o leitor a ter muita atenção e a viajar para o mundo de lembranças necessárias.



## **Era uma vez...**

Amorosa, atraente, impressionante. É assim que geralmente as histórias começam a ser contadas. Mas essa é diferente...

## Mulher Pequena

Dormia de tanto desatento.

Era final do mês de Junho. Muitas horas... Tardes e noites seguiam sequencialmente a rotação da terra. Até que o mês terminou.

A madrugada fria o abraça plenamente. O sopro da neblina trouxe-lhe à memória lembranças alheias. E, sonhava...

- Bom dia!

- Éh éh éh éh.

-...Não me vais responder?

Começou a dar alguns passos para uma direcção própria dos sonhos, indo à algures da imaginação. Já distante, Tobonha grita.

- Ei menina!... Quer dizer, princesa! E tu te vá! A sua voz envergonhou-se e o sorriso preveniu-se de errar, então, optou por sonhar para além do sonho. Apertou os olhos e em seguida abriu-os rapidamente. Procurou sonhar outra vez para encontra-la. Mas o sonho escapou por uma simples imaginação. Mas como! Exclamou, já com os olhos abertos, fora do sonho. É por isso que é bom sonhar. Disse ele, piscando os olhos num escuro próximo do amanhecer.

- Ah, se eu soubesse! Estar próximo dela, descrever o tempo que economiza para tratar de seus cabelos, porque bem sei que são lisos e curvados como a serra da Leba. Sim, pretos ou claros como os seus olhos iguais ao futuro que tanto anseio. Na massa atómica do seu corpo e na valência de seu andar...prometo encontrar-te, Jamy. Dar-te-ei um abraço como nunca, porque sei que és fresquinha como a pera da Humpata nos lábios de uma criança madrugadora. Pura como o olhar que floriu no sonho. Sonho que roubou-me a fala.

\*\* É importante frisar, ele está apaixonado pela vida. E pelo amor é chamado pela poesia emocional. \*\*

Começou a desenhar palavras como ensaio para uma iminente conquista.

- Ai Jamy, quem me dera se fosses minha vizinha! Pelo menos isso.

Se nesse sonho esperasses mais um pouco eu diria...

Mas quis falar-te mais  
Para sentir e ouvir o teu falar  
Porque do teu falar, me apaixono  
Falar-te destas palavras...

Desenhadas a ti  
Falar sobre ti e para ti  
Sim, palavras já mais expressas  
Palavras não desacreditadas e de fogo frio.

Finalmente já é manhã e, de frio incomensurável. O sol espreita as encostas do horizonte. Os pássaros cantam a volta da janela de Tobonha. Libidinosamente os homens bocejam às portas de suas casas. Barrulho de vassoura ouve-se pelo quintal. Muitas das crianças já discutem em descobrir quem será o primeiro a tomar a bola para mais um jogo de futebol, com uma bola que já se remendou muitas vezes, preparam-se com alongamentos.

Tobonha ainda na cama, deleita-se das músicas que não duram muito tempo devido aos passos dos donos de rádios que passam apressados para um destino qualquer. Vira-se de um lado para o outro, com vontade de sonhar mais um sonho. Imagina-se com um cigarro a montar um cavalo. Mesmo sendo uma imaginação, nivelou os lábios e tentou soltar um ar com fumo mas que nem um sopro saiu. Pensa nisso e desaconselha-se e nega não fazer isso para economizar mais saúde.

- Faz parte de mim. Vida...booooooa! Ai... estica os membros e sorri por tudo na vida. Muito bem, agora vou, haaaaaa...boceja com muita vontade e esquece-se de tudo que pensara.

Libidinosamente julgou que estivesse no quarto andar de um prédio e que uma gentalha estivesse esperando por ele para um autógrafo. Mas não era o seu mundo. Coitado. Então pensou em abrir a janela do quarto e saudar o seu público fictício que o aguardava. Quem sabe. Roncou, preparando a voz como se estivesse a preparar um discurso acertadamente. Esticou as mãos para abrir a janela do quarto, mas, o seu subconsciente o aconselhou a não fazê-lo. Então, lembrou-se de que tem fechado a janela com uma pedra bem ajeitada e que, qualquer engano seria um desastre na cara.

- Que janela! Ainda me cai só...

Deixou a janela entreaberta tal como passara a noite toda. Um frio barato visitou o seu corpo. Esticou a mão e pegou na camisa xadrez que estava por cima da cadeira e a vestia em movimento no quarto. À porta, o sol o obrigava a saudar os vizinhos com uma presença completa. Mas ele só ofereceu os dedos à rua, pegando nos buraquinhos da porta. Com os dedos, visitou várias vezes a rua mas sem sair de dentro de casa. Apenas com um olho nos buraquinhos da porta, dentro de casa, visitava a rua e saudava baixinho mas como se estivesse ao lado de todos que saudava.

- Bom dia, professora miss Sandra Morgado! Bom dia tio Chico que quer ser professor! Bom dia, tio...Landinho! Tio Landinho!? Esse tio também veio mais quando? Olhou muitas vezes para o teto e outras vezes nos buraquinhos da porta. Tiritando, abria a porta devagar para desprezar o seu barulho.

Esforçou-se para não abrir os olhos diante do sol radiante. A vontade de querer dormir o envergonhava. Foi bocejando com a boca cheia, mas, sem abrir a boca.- Ai vida! Ensaiou um curto fingimento que começou a pô-lo em prática através de um ligeiro assobio, para despertar a sua presença na rua. Com os olhos ligeiros e com os vícios da incúria, quase que distrai-se mas não olhava directamente para as pessoas, para que não despertar a hora em que acordara.

Com os olhos, viajou rápido, meneando e por fim, ficou fixamente olhando para a esquerda, quando destacou uma criança que parecia vir em sua direcção. Com três pães na mão, sorria preparada para os devorar por completos. Enquanto se aproximava de Tobonha foi desviando da direcção dele, tomando a direcção de seus irmãos que empurravam-se na porta por causa dos pães que a tanto esperavam.

- Que rapaz mal-educado. Mostra-me pão e depois diz que a minha mãe é que me mandou. - E eu pedi alguma coisa!? Idiota! Nos meus tempos era crime. Porque eu não comi nada desde que acordei. Reclamava Tobonha enquanto engolia saliva.

- Éh...! Tobonha! É mesmo hora de acordar? Interveio a tia Flora, vizinha mais próxima de Ester, que de tanto admirada preferiu abandonar a tarefa de varrer o quintal. Com a vassoura da mão, boquiaberta descansava as mãos na cintura, enquanto olhava para o jovem que acabara de acordar.

- Esses rapazes não mudam. Disse o tio Landinho. Cruzou as pernas enquanto sorria procurando por apoio de suas palavras. Todos os olhares visitaram a postura imprópria de Tobonha. Os que passavam pela rua admiravam-se sem saber o porque que o faziam.

- Puxa! Mal a pessoa acorda já querem que eu cante ou dance. Reclamava baixinho. - O bom é que nunca fui cantor. Ai se eu fosse... Até traria problemas a essa cidade. A democracia do amor estaria mais patente, talvez. Independentemente da idade, os que amam são sempre jovens. E "os jovens são o pulmão espiritual do mundo". Isso ainda é sério, pois «o coração tem razões que a própria razão desconhece.»

A saudade de estar ao lado de uma baixinha, ter o sonho revelado e verdadeiro à sua vontade o motiva a ser um poeta caminhante.

Esticou a mão direita para dentro de casa e puxou uma cadeira. Sentou-se ao lado direito da porta. Patrocinou aos seus olhos, várias belezas pessoais e muitos minutos se passaram sem perceber. Olhando para várias direcções deleitava-se de muitos caminhos e caminhantes que buscava com os olhos.

As vezes sorria diante do contradimento das crianças que seguiam as mães, cujas, andavam num passo mais adulto. É só correr, não têm como. Tobonha distraiu-se com a poeira que os pés dos caminhantes levantavam. Numa distância de dois pés, desconfiou a presença de um rapaz ao seu lado. Nem se quer olhou para ele mas desenhou desespero na testa e disse-o:

- Ó malandro, pensas que não estou a te ver? Estás repleto, não é?

A criança meteu a barriga na frente e começou a coçar a cabeça na parede.

O rapaz ignorou-o mas acreditou na palavra esperança. Ainda é manhã. O rapaz desconfiou que Tobonha ainda não teve o seu mata-bicho.

Com vontade de se lembrar da brincadeira "anão gigante", o rapaz sentou e levantou várias vezes de forma sequencial. Anão gigante, anão gigante, anão gigante, anão gigante...sussurrava a criança. Mas o que ele mais gostava era de se ocupar consigo mesmo. Porque assim apaixonava-se por tudo na vida. Enquanto isso, Tobonha monologava. - Se algum dia a voz do passado me visitar, que seja antes de a noite me cobrir.

A lembrança passou por ele uma vês. Mas de emoção, inventou outras. Ria-se para qualquer um que passasse e depois se lembrou do rapas, e gritou com os olhos abertos.

- Ei...rapaz! Eu bebo? Eu...bebo? Fala rapaz, eu bebo? Eu...fumo? Vá embora antes que o teu pai venha aqui e comece a cantar músicas para os bêbedos.

Vá embora! Esticou o braço direito apontando para a direcção que o rapaz pudesse tomar para sumir de sua presença.

O rapaz cansado ante o sol que despertava a sua pele queimada a muitos dias de sol, não ofereceu nenhum sorriso à ninguém. Nem mesmo para si próprio.

Ambos desprezaram vários minutos e sem se olharem pensaram em muitas coisas.

O rapaz esperou tanto de Tobonha que até desprezou a palavra esperança. Foi dando passos involuntários, arrastando-se contra a parede até que não se via mais nada dele.

- Até parece um dia de folga. Disse Tobonha.

Diante de inúmeras ideias vivas, a emoção fê-lo viajar a volta do mundo. Mundo de emoção eterna do amor. Onde uma baixinha era chamada de Baixinha. Onde muitos falavam latim e se enamoravam com gulodice. Desde o cobrir da noite, antemanhã, neste nobre mundo saúda-se a democracia do amor.

- «Ó caniz de mi patri!» Esse é o meu latim.

Num rápido pensamento aspirava a uma conversa para não contar as pessoas que passassem por perto. Alegres, tristes, abúlicos e com muita vontade de ignorar o nada. Copiava os passos alheios mas, sempre na direcção de casa. O sol estava sempre presente e testemunhava, a paixão o disse várias vezes com profundo singelo:- Procura-me, por favor!

- Eu sempre presente, frito ao vazio: quero abraçar-te mulher, quero dizer-te tudo.

Essencialmente que algum dia pense, que quero ser, quero-me testemunhar nos teus lábios a doçura de um beijo maduro. Assim como a lua abraça a noite vou-me guardar plenamente em ti.

A noite trará o seu próprio testemunho, e, se por acaso por me procurares, encontrar-me-ás em ti.

Se a vontade de inquirir-se conquistar os teus lábios; onde estas? Quero responder: estou bem aqui, aqui em você. Querendo-te e em todas as noites ser o seu futuro, ser seu iminente amanhecer. É por isso que estou te procurando, ó baixinha do Sul. Sei que também as coordenadas do Norte estão em você, por isso que sempre dizes; venha me ver, lunga yami.

Dentre os caminhos com destino a você, prefiro a saudade aos passos transeuntes, porque ela trás mais amor de você, e sempre pura para me abraçar.

O seu pensamento caminhava pelas ruas da saudade, até o mais longe da ignorância de um dia desistir-se.

Embora árduos, os seus passos na aréia emocional se transformavam em marcas visíveis e em sons de guitarras tocadas no vento de um deserto arenoso. Diante de uma busca de um destino a ser descoberto, numa caminhada sem dono, Tobonha opôs-se em tomar qualquer direcção, mas que o destino cansado lhe propusesse uma baixinha. Nada mais importante que isso. Que seja a dos sonhos. Sonhos que o seguissem até a madrugada.

Distraiu-se da sequência dos dias, em consequência dos sonhos que o guiavam. Por isso o Junho tornou-se famoso e pintava os caminhantes da cidade com a fama do seu frio. O salário dos mecânicos da famosa mecânica do sr Landinho caiu. É sempre notável. Sim, notava-se pela publicação dos dentes das crianças, pelo facto de o mata-bicho estar recheado de leite e um bis autorizado. – mais pão.

A luz do dia já cobrava a muitos um repouso para prestar contas com a segunda refeição do dia, mas, o frio não se cansava de dar o seu show. Com receio de lamber os lábios durante o frio, ante o frio, percebia-se que muitos ainda guardavam-se nos xailes-manta. Mas ao contrário disto, tio Nguaku como sempre, já cantava, expressando palavras obscenas a todos que por algum motivo, algum dia o tivesse pisado no pé. O tempo de abuso contra o tio Nguaku, não importava muito. Só bastavam algumas birras.

- Éi, sr Cubanita! Você também não é ninguém. No mês de Janeiro chamaste-me de atrasado, não é. Ou como apraz-me realçar, chamaste-me de bêbedo...eu!? Bêbedo!? Bêbedo és tu pá...

- Tio Nguaku! Gritou um jovem com a intenção de provoca-lo.

- Eis-me aqui.

- Os verbos, tio Nguaku?

- Conjugue-os...e viverás.

- Me paga-la um uísque.

- Não te pago, seu idiota! É assim que se fala?...tio, me... Me paga.

Me paga só, uísque!? Ah sim! Há, não! Se ainda falasses, por favor tio paga-me um uísque. Eu pagaria uma doze.

A rua começou a ficar agitada.

- Só tem que ser o tio Nguaku. Diziam os vizinhos a partir das janelas. O seu estado eloquente, embora bêbedo, comovia a muitos. Todavia, os jovens desconfiaram dos bolsos do tio Nguaku, e por isso, mais um deles gritou sem se dar por perceber, entre uma janela e que se fechou de seguida, por isso não se ouviu bem ao certo o que dissera. Muitos jovens ficaram inertes frente a loja principal da rua. Os buracos na parede da loja pareciam desenhos em vidros sobre artes mais procuradas. Era o retrato mais antigo da rua.

Essa ocorrência vivenciava-se próximo da casa de Tobonha, cujo desconfiou por alguma coisa e começou a caminhar para algures. Depois de alguns passos, numa direcção, decidiu curvar, quando vê o movimento da loja.

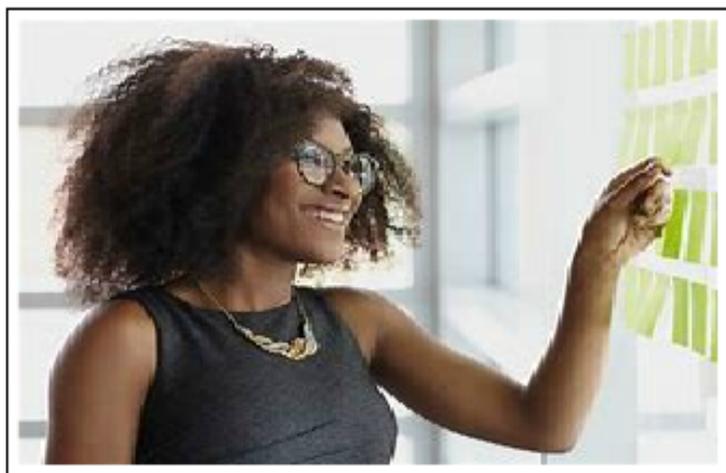
- Como vai meu amigo? Tobonha saudou um jovem com uma posição de segurança, na porta da loja. Entortou a boca, mordeu os lábios e abanou a cabeça mas, olhando para o outro lado. Da loja ouviu-se uma voz que permitiu a entrada de Tobonha mas sem citar o nome dele. – Deixa ele entrar. Cruzaram-se olhares entre os dois, como feras a saírem da jaula. Com um sinal de venha, deixou passar Tobonha.

- Então é você, meu amigo Tobonha!? Quem vem na direcção lateral, como já disse várias vezes, nem sempre...

- Opa, opa, opa! Interveio o tio Nguaku. Eu também já te disse meu companheiro...a propósito sob o minha boa disposição, apraz-me questiona-lo a seus caprichos. Qual é mesmo o seu nome? Embora estejamos a beber à saúde de nossos dias de vida, juntos, mas não há motivos para falar à-toa. Não é isto meus companheiros? Perguntou, olhando para os outros a volta da mesa.

Ora bem meus amigos, o pronome relativo quem, refere-se a uma pessoa per-so-ni-fi-ca-da, e vem sempre antecedita de preposição, excepto quando assume a função sintáctica de sujeito.

Vocês querem um exemplo? \*\*Todos penas abriram os olhos com dúvida céptica\*\*. Neste caso, seria: quem viesse na direcção tal, tal e tal.



- Como assim, tio Nguaku?  
- Meu caro, este sujeito usou o pronome relativo quem. Pronome este que é sinónimo de incerteza. E usou a palavra, vem. Abanou o dedo no ar e disse. Vem está no presente. Ele vem, agora. Presente. Como é que o presente e o conjuntivo vão estar na mesma frase?

Palmas alheias participaram na saudação da eloquência do tio Nguaku. Oba! Viva! Oba! Enquanto que outros só se riam deleitando-se da emoção alheia. Alguém em algures, dentro da loja atreveu-se a cochichar para o seu companheiro dizendo: - Um bêbado desse com tais palavras! Mas ouvindo tais palavras, o tio Nguaku exclamou: - Quem é esse tipo barato? O amigo a quem se destinaram tais palavras, conhecendo já o tio Nguaku, continuava calado e preveniu-se de olhar directamente para a mesado tio Nguaku. E não demorou. Tio Nguaku ficou sério. Os olhos dos seus companheiros abriram-se. Um silêncio visitou-os.

- Bêbedo, eu!?  
Como um jovem de olhos apaixonados, os verbos sempre estavam na ponta da língua do tio Nguaku. Com tanto álcool na cabeça, tio Luís da Serra balançou a cabeça e movimentou o corpo como se quisesse dançar ou curvar um camião de volante difícil. As palmas o acudiram. Em seguida as paredes ficaram vazias de tanto silêncio. Ainda assim todos com os olhos em tio Nguaku. Este levantou a mão direita e perguntou a todos os presentes na loja:

- Neste meio aqui, a quem posso chamar de Nguaku? Quem...!? Nguaku? Vagarosamente esticou a mão direita e a curvava para si mesmo, indicando e depois disse: eu! Sou eu. Nguaku, sou eu. Sim, eu. Cuidado com as palavras. Vamos continuar.

Disse em seguida. Por favor, permitam-me rir-me. Sentou-se e começou a se rir. Muitos seguiram com o mesmo deleite. De tanta bebida na mesa, o rosto do tio Nguaku ainda pedia mais, mais, mais uma...

A postura de Tobonha ficou fusca. Engolia saliva por tudo e por nada, várias vezes. Rosto sem idade ou mesmo um homem com uma vida nocturna e sorria de alguma coisa que nem mesmo ele sabia. Com a cabeça apoiada na mão direita, limpava o rosto várias vezes. Com vontade de abraçar, tentou inventar um sonho e mais um sonho ou talvez imaginar qualquer coisa mas não deu certo.

**\*\*Penso que a sala está a cheirar à mais iminentes sorrisos\*\*.**

Com aproximadamente cinquenta metros de distancia, e, é melhor dizer mesmo cinquenta metros, porque assim me apraz calcular. Na rua. Parou uma jovem que pela...wao! Deveis acreditar, ele estava a ver a Jamy. Sim, que tanto ansiava. Puxou a imagem para uma distância de um dedo e julgou que estivesse ao lado dela. Claro, apenas com os olhos. É possível sim. Apenas com os olhos, Tobonha saiu da sala. Minutos se passaram...descuidou-se e soltou a voz. Jamy!

Quase a beijou. Repito, quase navegou nos lábios dela. Mas como? O caro leitor poderá perguntar. Apraz-me lembra-lo que história como essa, não é bem assim que acontece.

Continuando...

Os olhos de Tobonha estavam bem abençoados. Claro, por alguns segundinhos. Sim, neste instante mesmo, porque ele já não estava na sala. Agradeceu à tudo que lhe fez sair de casa.

Alguém dentro da loja percebeu a ausência dele. Ao seu ado, levantou a mão direita e começou a fazer um movimento de cima para baixo para desperta-lo. Pra cima pra baixo, pra cima, pra baixo.

Alguns se riam com a mão na boca, guardando as palavras de um indivíduo pouco conhecido.

- Um, dois, três...estavam contar na sequência de a mão estar a balançar na cara alheia.

Coitado.

Tobonha trouxe os olhos de volta à loja. Piscou-os três vezes e rapidamente piscou outras duas vezes. É melhor não dizer quantas. Mas piscou-os com razão.

**\*\*Se me permitirem, vou prosseguir com a verdade\*\*.**

Olhou para a mão que balançava na frente da sua cara. Olhou de novo para fora. Abriu os olhos e marcaram-se rugas na sua cara.

Afinal de contas, não era a Jamy. Era apenas uma imaginação. Nem se quer passou pela rua.

- Pensei que...

- Estás a pensar o quê? O quê, e o quê? Fala. Mulher, não é? Mulher?

Coitado! Ele não estava mesmo a andar atrás de uma saia. Até aí eles acertaram. Ele não está atrás de uma saia. Ele está, permitam-me repetir, ele está atrás de um coração. De um amor. De uma vida a dois.

Continuando.

Todos soltaram sorrisos. Mas a favor da emoção, deram-se a liberdade de se rirem como homens de victoria. A alegria era tanta que até podia-se contar e admirar os dentes em falta na boca de qualquer um na sala. De tanto rir, O sol rasgou as cortinas da loja e participou na emoção. Riram-se tanto que até um deles teve que sentar no chão e quase desmaiou de tanta graça. O calor aproveitou a oportunidade para conquistar alguns corpos. Opa! Cheirava a alguma coisa como desprezo ou tristeza. Saboreavam de forma singela a compaixão do dia. Para o tio Nguaku parecia como um mata-bicho nas terras do Nordeste de Angola.

\*\*Ora bem, uma companheira amável é de certa forma um seguro para a vida. E, ante esses risos, é melhor dizer que é com ou sem emoção adequável? Diria que se soubessem quem fosse Tobonha ou pelo menos quem ele pretende ser, acrescentariam que ...«há dias que provavelmente, o que tenha havido na vida de alguém passa a ser nada...,mas»...sequencialmente a história mais engraçada que algum dia tivesse passado pelos ouvidos desses homens, ainda estava nos lábios deles. Por isso riam-se. E quanto à Tobonha? Pronto, garanto que ele pode ter uma sorte.

Se a vontade de inquirir-se conquistar os teus lábios; onde estas? Quero responder: estou bem aqui, aqui em você. Querendo-te e em todas as noites ser o seu futuro, ser seu iminente amanhecer. É por isso que estou te procurando, ó baixinha do Sul. Sei que também as coordenadas do Norte estão em você, por isso que sempre dizes; venha me ver, longa yami.

Dentre os caminhos com destino a você, prefiro a saudade aos passos transeuntes, porque ela trás mais amor de você, e sempre pura para me abraçar.

O seu pensamento caminhava pelas ruas da saudade, até o mais longe da ignorância de um dia desistir-se.

Embora árduos, os seus passos na aréia emocional se transformavam em marcas visíveis e em sons de guitarras tocadas no vento de um deserto arenoso. Diante de uma busca de um destino a ser descoberto, numa caminhada sem dono, Tobonha opôs-se em tomar qualquer direcção, mas que o destino cansado lhe propusesse uma baixinha. Nada mais importante que isso. Que seja a dos sonhos. Sonhos que o seguissem até a madrugada.

Tobonha numa posição hinerte, levou a cabeça a consideração de todas as palavras com o sinónimo de azar. Já não sabia para onde ir.

Pensamentos na Jamy pelo menos era o mais importante. Com um chapéu à cabeça, um mais velho, com muita idade olhava para Tobonha, enquanto guardava o refrigerante em qualquer canto da loja.

- Uf...

\*\* Diante dessas situações, há vezes em que a situação muda de figura. Tenhamos fé.\*\*

A madre natureza deixa sempre os seus filhos sorrir pela felicidade de cada sol nascente. Por isso, até os que nada ouviram riam-se com vontade de ser homem. Desde a muito tempo que a loja do senhor José Vasco Celestino, pintada de buracos na parede não era visitada. Mas nesse dia. Justamente quando Tobonha pensou em visita-la. Por isso em todas as paredes do bairro dispersou-se papéis escritos: aluga-se uma loja. Mas por sorte ou azar do dono da loja, pouco se lia. Talvez hajam razões para desconfiar a razão de tanta ignorância dos panfletos, como também está escrito em ponto grande na loja. Pelo menos até agora ninguém viu. Ou viram mas, ficaram com vontade de estarem alheios porque os olhos estavam orgulhosos de viver para beber e não para ler. E se alguém tivesse lido, deve ter ignorado porque não haveria quem tivesse de cuidar melhor a loja a não ser o senhor José Vasco Celestino, que sempre é acompanhado pelo velho do chapéu de rodas e sem idade definida. Mas algum dia ele poderá justificar-se. Tendo uma postura rara entre os velhos daquela idade, muitos iam mais à loja para vê-lo do que para beber.

Divertiam-se.

O senhor José Vasco Celestino, dono da loja, pensou em interromper a emoção. Levantou o dedo para cima, olhando para tio Nguaku. Notou que não estava a ser visto. Inclinou-se e esticou a mão como quem estivesse a pedir permissão de entrada num jogo de capoeira...nada.

- Ei...alo! Nguaku...por favor...

Um sorriso disperso passou pelo rosto dos que acompanhavam o tio Nguaku, mas o mesmo não disse nada senão olhar para o senhor José Vasco Celestino dono da loja. Com os olhos repletos de sono, pestaneja-os, pausadamente.

. Com medo da reacção do tio Nguaku, o senhor José Vasco Celestino ofereceu um sorriso como a encantar os anjos. Dos céus ou da terra só ele sabe. Mas anjos. Mas insistindo, o senhor Vasco começou a falar e apontava para o quintal mas vaguejava em coro com as mãos e a boca, indicando para as escrita na parade.

- Éééééé, é que alguém está lá dentro, no quintal de casa, e, quer ver a loja. Estou a alugar...

### Aluga-se esta loja

Todos seguiram a orientação dos dedos, olharam inclinando a cabeça para a tabula mal pregada a parede. Quem estivesse fora da loja também percebeu o movimento e o barulho das cadeiras arrastadas para a direcção esquerda da loja.

- Espere tio Nguaku. Por favor falei bem, não é?

- Estou com vontade de dizer, não.

Houve uma expressão de riso. Ninguém se atreveria, claro. Aí estava o tio Nguaku. Para cada sorriso, uma cauda bem justificada.

O mais velho da loja do senhor José Vasco Celestino, com o censo de humor perdido a muitos anos, ignorava e dava as costas a qualquer graça até mesmo para o seu patrão que desconfiava de ser corrigido em seguida. E não demorou muito otio Nguaku começou a falar:

- Ó Vasquinho, se fosse no meu tempo, no tempo em que os verbos eram como policiais de plantão, você estaria preso agora mesmo, senhor José Vasco Celestino, eu te juro!

- Tempo em que o verbo era policia!?

- Sim.

- Quero com isto dizer que agora as coisas estão a favor da vontade, e não da verdade. Desperta, coesão e coerência. Agora não vamos por aí, mas saiba que os imóveis não se alugam. Casa não se aluga, loja não se aluga, ok. Os imóveis são arrendados. Pedro Mande com um copo vazio na mão, lembrou-se de Frederico de Taylor e disse:

- Nem pra tanto, tio Nguaku, de acordo com o taylorismo, cada um deve cuidar do seu trabalho, e a quem cuide da boa eloquência, é trabalho, há quem cuide de errar com muita vontade e eu cuido de defende-los.

- Quanto a isso que não me parece como pão da minha curiosidade, lembro-me de certo ditado que diz: «pelo ladrar do cão se reconhece o respeito de casa.»

Como um narrador do tempo dos catchifuiimas e cambirim, em algures da sala, alguém cochichou mas não lhe deram muita atenção.

- Com licença!

Um desconhecido entrou na loja. Olhava satisfatoriamente para a esquerda e para a direita. Sorri para qualquer um e dá alguns passos em direcção ao balcão.

Alguns soluçavam de tanto rizo enquanto outros limpavam o rosto com as mãos, querendo transmitir outra imagem a visita. Um silêncio convidou a todos para um minuto de olhares iguais, em consequência da presença de um estranho dândi na loja.

- Excelência, gostaria que me desse um pouco de água para saciar a minha cede, por favor. Venho de longe e pretendo ficar aqui os dias que me for permitido. Depois de o visitante ter dito tais palavras, tirou a mochila do ombro. Olhou para o tio Nguaku. Alguém travou um sorriso, pintando os olhos de emoção. O mais conhecido entre os jovens na sala, chamado Ndulizão, perguntou baixinho ao tio Nguaku:

- Tio Nguaku, podemos nos rir?

Com o corpo na mão a balançar em si próprio, tio Nguaku, com os olhos cansados, sorriu e disse:

- Não é cívico. Por norma não é bem assim, rir-se. Não se deve saudar assim um hóspede que regressa à casa ao cabo de uma ausência de muitos dias.

Não houve emoção para actuar com os seus sorrisos peculiares. Os mais distantes da mesa de tio Nguaku já se posicionavam nas suas cadeiras. A emoção tem sempre disso.

- Eu pago tudo. Disse o tio Nguaku.

- Viva! Viva!

- E, se a gula e o sabor de uma papaia visitar o paladar da minha língua, quero acreditar que é o sabor de arroz com feijão.

Disse tio Nguaku.

O visitante comoveu-se com tais palavras e olhou para trás de si e exclamou:

- Tio Nguaku!?

Cruzaram-se vários pensamentos e, tio Nguaku que por sorte reconheceu o visitante, teve melancolia. Tio Nguaku tenta falar o nome do visitante mas teve envergonh dele. Caiu a noite sobre os seus olhos cansados da luz do dia. A noite nos olhos interrompeu o seu deleite salarial. Os seus olhos desprezaram qualquer cor do dia e finalmente o tio Nguaku deitou-se a mesa e adormeceu.

- Opa, sono que é sono é esse.

Depois de tantas tentativas para sair da loja, Tobonha sentiu saudade de si mesmo. Sentia saudade de todos os momentos sublimes, em que navegou sobre um corpo vestido de jovem. Um corpo com os cuidados no andar de mulher, única no olhar, no sorrir e na singularidade de seus beijos maduros. E a tarde escorria sem estremecer e o sol passava sobre eles sem darem conta. Nem um golpe de ar, nem um pássaro nem um ruído ao menos a descer dos montes pela estrada. Quase que tudo parou. Quase.

- Meu grande amigo! Exclamou o visitante. Em seguida levantou a mochila sem mais palavras. No fundo isto é um conjunto de pensamentos mortos. Ninguém fala!? Pensavam secretamente.

Ninguém contribuiu com pelo menos qualquer palavra, mas, continuaram a beber um e mais um golo. Deu para perceber. As vozes já estavam cansadas e transformadas pela bebida.

Atento em nada, Tobonha pediu água sem olhar para a pessoas a quem estava a pedir, enquanto isso, pensava em fazer alguma coisa. Pensava em declarar-se na baixinha dos sonhos. Tal como um médico especialista nos olhos, eu vou estudar o seu olhar como música preferida, como a voz de uma mãe a fazer dormir o seu bebé. Eu te direi claramente: por favor, deita-me o teu olhar. Também te direi, e vou mesmo dizer: - quero sentir que estás aqui, transpirando pelos cruzamentos de olhares completos em si, em mim, por aquilo que chamamos, seja lá o que for, mas, como a descoberta de um tesouro escondido no teu sorriso. Sim, quero-te, baixinha linda, como qualquer coisa.

Com os pés cruzados, Tobonha meneava procurando qualquer direcção. Enquanto o tio Nguaku recebe um aperitivo da loja, sim liberdade para descansar na mesa ocupada por ele e pelos seus companheiros.

Feliz da vida, Tobonha procura pela Jamy, em todas as palavras existentes em seu pensamento, isto é, para rimar o seu verso de amor. Disse no seu interior. - É por isso que estou te procurando. Para afugentar a solidão. Nesses passos imaginários, sentia que os seus pés estavam descalços sobre a areia, quase repletos de areia. Mas tudo cheirava à qualquer coisa como rosa. Por isso caminhava com esperança, abraçando o destino Novo Horizontal, como nos anos de 2012 ou nas ruas da Luta Continua, sobre o nobre querer que o guiava. Como um aluno num colégio, estudava com amor as letras que descrevessem a razão de viver amando. Mas que fosse uma baixinha. Que seja ela mesma a me abraçar por completo. Como a preferência de um banho ante o sol escaldante, e, qualquer coisa mais.

Se quiseres mais. Então também vou querer mais sentar outras vezes, nos bancos do Horizonte para aprender filosofia que dança no meu querer, descobrir o próximo amanhecer, mais claro do que o ontem? Mas por favor não me cobre a insignificância de uma ou de outras saudades passadas, porque já as acarreto antes que o meu nome existisse. Por isso que, eu, eu mesmo digo que a vida é feita de perguntas, mas viver é descobrir as respostas.

Mas no seu imaginar, parece que ele ouve palavras...- Venha me ver. Como um olhar estrangeiro visite o meu corpo, quando puder.

Sei que estás bem ao meu lado. O seu nome me chama para esta caminhada. Com um destino a se desejar, ou interrogado. Talvez já, se percebesse. Sim. Acarreto este colégio de tantas ciências como num campo de combate, arrastando os pés sobre a areia movediça, sim, marcando passos na areia. Mas descobri que a beleza da província da Huíla e o descrever das páginas de vários futuros nasce nos teus olhos. Clássico e puro como uma irmã com a nobre inocência da madrugada.

- Não, não, óh não ...Jamy tenho que te procurar. Soltou a voz. Ergueu os olhos e pensou em sair da loja. Seu subconsciente transpirou e riu-se dele em seguida.

Ao voltar a casa, ainda assim a sua viagem fictícia era longa. O sol passava por cima dele, sem dar por conta. Muito antes de o sol visitar as encostas a volta da cidade, Tobonha já visitara com incomensurável emoção a saudade de abraçar...abraçar uma baixinha que lhe fosse gazela por todas as noites de encanto solene.

Monologava vários minutos que se transformavam em horas.

- Ai!...Venha logo ó baixinha das flores do amor, de todos os meus sonhos inéditos. Só me resta você para que eu aguarde os passos na areia da solidão. Preciso de recuperar esse colégio e só para mim. Juro, já está dentro de mim. Quero-te, muito mais.

A alegria fornecida pelo sol já era cansada e a noite já saudava as paredes da cidade do Lubango.

As pessoas passavam importunadas, e, depois de muitos minutos a poeira traidora guardava a direcção por elas tomada.

Monólogo pensava e dizia de si para si: - anseio explicar-te a razão de tanta ambição excelsa. Vou fazer-te lembrar que és minha antes que a tua mãe te descubra nos meus braços.

A alegria estava sobre ele. Lembrou-se do dia em que uma baixinha o saudou. Sorriu e estalou os dedos das mãos. Nesse dia, a sua voz estava envergonhada e o sorriso preveniu-se de errar, então, optou por sonhar no momento em que foi saudado por ela. Mas eu também!? Não respondi mesmo...tem razão ela é rosa.

As ideias para com àquela que tanto procurava, brotavam como milho, floresciam como rosas e colhia-as, fazendo-as como esperança de um sol nascente, para clarear a descoberta dela.

Onde deve estar agora? Ela é uma faculdade nobre com aulas práticas para me cuidar.

- Sim, eu anseio. Que sejas uma estrela nessa busca inédita, para que eu te encontre em você mesma.

Um calafrio o visitou, percebeu que a noite vinha ao seu encontro. Então antecipou a despedir-se da tarde, que essa abraçasse a noite várias vezes e que trouxesse vários sonhos. Sonhos sem vontade de levantar da cama, porque lhe pareciam como os peitos da imagem real diante daquele sonho.

- Ó baixinha! Ai, ai, ai quantas vezes te vi. Quero oferecer-te uma parte de você para depois recupera-la. E saiba que, abraços e ósculos são as coreografias mais saudáveis do meu mundo.

## Passos na aréia

Era de costume de antemanhã ao crepúsculo os cidadãos, visitarem as ruas que por sorte, eram pintadas de sonhos. Crianças, jovens e velhos sonhavam por alguma coisa na vida. Tobonha também. Cada um tinha o seu próprio mundo mas ambos ligados na esperança, de ver Angola melhor. Era comumente mas neste dia, Tobonha não saiu a rua até ao momento em que as sombras das árvores já cansadas de dar frutos pintavam o rosto de muitos vizinhos. Enquanto os vizinhos orgulhavam-se nas suas história. As árvores preservavam a vergonha de não darem mais frutos, e, os homens já não as consultavam mais, desesperados de tanta gula diziam: - nada de árvores sem frutos.

Não a muitas horas da emoção do anoitecer, no dia 30 de Agosto de 2016, muitas coisas estavam a se realizar, com muito prestígio à verdade dos sonhos de Tobonha. Mas antes não houve muita razão para se rir da claridade do dia que já estava a se esconder entre as montanhas deitadas, como a proteger do frio o povo da região Sul de Angola. Parado na porta, ignorou-se, mas, deu-se a liberdade de pensar em alguma coisa para fazer, de forma a acudir o dia de tantas derrotas e culpas. O seu subconsciente ignorou-o e como solução olhava a volta do quintal procurando por qualquer coisa para ocupar seus olhos, quando foi convidado a apanhar um papelzinho que rolava à volta do quintal. Como se estivesse a espera de uma carta que já esperava, correu para apanhá-lo. O aspecto do papel era desprezível mas a cor e a grossura o convidou a ter um pouco de paciência.

- Eu também sei ignorar um pouco mas...éééé...isto parece um convite!?

Com dúvidas no rosto, começou a ler as palavras escritas em negrito "- **hoje é mesmo o seu dia**". O quê!? Tobonha desenhou no rosto uma expressão duvidosa. Olhou gradualmente para várias direcções procurando por alguém que talvez pertencesse tais palavras guiadas pelo vento.

- Logo na minha mão, hoje!

O folheto não apresentava um aspecto recente, pelo contrário, velho, pisado muitas vezes. De onde deve ter saído isto? Foi pensando enquanto relia e virava-o várias vezes. O seu subconsciente o convidou a duvidar e a desenhar sinónimo de frieza no rosto, pensando em todas as tristezas do dia. Mas pronto. Pensou ele. Que tal sair um pouquinho e convidar ela a receber-me em sua casa? Ummmm. Com a mão esquerda no queixo, abanou a cabeça da direita para a esquerda e passeou com os olhos no céu. Julgou que viu a mãe Maria. Sorriu com vontade de viver. Lembrou-se das palavras de sua mãe Nené Delfina Nunes. Os vinte e cinco permanecem, outros virão. E os seis? Até parece o começo.

- Muito bem...Disse bem alto, enquanto julgava que alguém o tivesse ouvido, olhou escrupulosamente a sua volta. E, ninguém. O sol estava muito bem animado. O seu subconsciente bateu palmas, girou rapidamente e levantou o braço direito e sorriu como nos tempos do tio José João Nunes e o arroz com feijão. Essa parte lembrou com gula e acrescentou a quissangua.

Enquanto isso, achou-se estar já na casa da baixinha dos sonhos. Mas era apenas uma imaginação. Que pena! Pôs-se a caminho, em direcção à casa dela. Teve uma genial ideia. Que tal levar pão doce? Elas gostam de alguma coisa como...

Com sorte desse pensamento, deparou-se com o mano Jojó, mais conhecido por Paizinho mas, desconhecido por ele, que pelo contrário não procurava por ninguém mas que se divertia com a presa dos que voltassem à casa depois de um longo dia de trabalho.

Tobonha não conhecia bem o bairro da Jamy pois, o mesmo estava muitos minutos de sua casa, em direção do por do sol.



- Boa tarde, meu amigo! Tobonha saudou o mano Paizinho com o interesse de o ajudar.

O mano Jojó na sua mota vermelha, virou-se para o retrovisor, enquanto rebentava as espinhas na testa com um alicate mecânico. Grande habilidade. Nem se quer olhou para o Tobonha. Abanou a cabeça, afirmando que o ouvia.

- Ummmm, sim...

Tobonha tentava expressar algumas palavras enquanto esperava que o mesmo olhasse para ele.

- Ééééé. Mano Jojó Por favor...conheces uma padaria próxima daqui?

- Padaria!? Aqui, padaria?

O mano Jojó com a boca aberta, também duvidou de mais coisas.

- Sim, sim, pa-da-ri-a. Padaria, ne, onde vendem pão? Óóóóó, afinal é mesmo padaria. Ok! Vendem mesmo pão. Sim, epá meu aqui tem muitas e na minha casa também...tem, muito mamão.

Tobonha trouxe vários dias difíceis ao momento. Lembrou-se em estar num barquinho ao lado de uma baixinha. Olhando a praia e tudo como o estar e ser mulher daquela baixinha. Esqueceu-se do Avelino Durão e tentou oferece-lo um sorriso qualquer. Mas o filho alheio continuava a cuidar da cara com o seu alicate enferrujado. Tobonha pestanejou várias vezes esticando o pescoço para frente.

- É por aí meu, é mesmo lá. Não sei bem onde é mas, vendem...Disse o famoso mano Jojó com a boca torta para facilitar arrancar as espinhas na testa.

Não acreditava no que ouvia. Orientou o seu corpo para outra direcção e começou a pensar como chegaria à casa da Jamy, e o que faria logo na entra. Um beijo?...mesmo um abraço eu também aceito. Pensou no sorriso que algum dia ela ofereceu. Somou as vezes que ela olhou de costas para ele. Imaginou os filmes de romance e visitou o lábio de baixo com o de cima. É mesmo ela. Disse ele.

Soltou e ofereceu um sorriso ao vazio. Olhou inesperadamente para duas direcções sem mexer a cabeça. - huumm, quando o meu lado bom é que quer...eu...continuo com a viagem.

Começou a oferecer todas as possibilidades ao seu favor e notou que até a natureza estava a seu favor, e aplaudiu as suas intenções. O sol parecia alegre, como algumas horas de sol após uma boa chuva. De tanta emoção, nos olhos de Tobonha podia-se reconhecer o arco-íris que só se via no tempo chuvoso.

Andava e sorria com as mãos nos bolsos.

Parecia tudo perfeito. Respirou muitos anseios. Tirou e meteu inúmeras vezes o seu casaco preto de capucho de cor diferente. Achou que fosse manhã. Acreditou que dos céus fosse chover beijos.

Diante dos seus passos, as árvores cantavam pela força do vento que ia para a mesma direcção. As árvores pareciam como um coral preparado para actuar num estádio de cem mil espectadores. Se ele tivesse tal oportunidade, nem sei o que seria. O seu ouvido procurava no cantar das árvores, a voz mais fina para desconfiar e sussurrar o nome dela,e, dizendo de igual modo: -vou pintar os seus lábios com a minha presença e antes de a noite pintar os nossos corpos, vou deixar o sol entrar entre o balançar das cortinas, para saudar o seu sorriso.

Deu sorrisos de vários estilos enquanto o sopro da natureza lhe convidava para se apaixonar mais e mais. Que natureza agitadora. Pensou ele. Caminhava com um sorriso no olho. A tarde estava dentro dele. Para além de seu alegre rosto que transmitia, queria ser mais jovem. Mais apaixonado de si mesmo. Julgou que estivesse num salão de bodas. Aleluia!

- Ela é minha! Dizia e abanava a cabeça de cima para baixo, dando-se razão. Enquanto isso, só lhe restavam alguns passos para a casa da Jamy. Despertou-se. O seu campo emocional estava alterado e desconfia-se que transpirou. Bateu o portão três vezes com apenas um dedo. Enquanto esperava, convidou-se a tremer um pouco e disse:

- É próprio, acha que é fácil. Aié, brinca!

\*\* Que haja fé. «Esperemos que seja uma operação com um mínimo de disciplina e de inteligência, para não acabar tristemente numa girândola desesperada de fogo antiaéreo» ou numa decepção inesperada de pontapés. Que palavra, pontapé, numa operação de amor!? \*\*

Esperava ansioso, fixando os olhos no portão. E quando pensou em bater o portão de novo. Orientou-se, mas não foi a tempo.

- Boas tardes!

Não pensou que fosse justamente a ela que fosse atendê-lo. Por conseguinte respondeu mas ocultando as palavras que tanto ensaiou a muitos dias. Deu um sorriso incompleto e pestanejou duas vezes de forma alegre.

- Mas...por aqui hoje? Balbuciu a exactamente a querida dele.

- O meu conselho é que me deixes entrar. Ou se permitires, quero levar-te a cascata da Huíla e te beijar pela primeira vez, diante de mim e de você mesma. Que a natureza seja testemunha. Disse o Tobonha com um sorriso no rosto.

- Mas...

Ambos experimentaram tortos sorrisos e ligeiros. Houve um silêncio prolongado em que se desconfiava o ensaio de uma negação por parte dela. Olhares se cruzaram que nem um dia de trombeta à subida do rei ao altar-mor. Nesse ensejo voluptuoso de Tobonha, simplesmente percebeu que no olhar dela se reservava um clássico resumo de histórias de amor. E foi pensando de si para si. Dia como este só nas novelas. – eu sou o melhor. Pensou em tudo de bom e para não perder a fala, pensou em roubar algumas palavras nos olhos da ela e disse-a:

- Eu estava com muitas saudades. Saudade de seu respirar duvidoso, como agora. Por isso decidi que hoje só nos os dois... Disse Tobonha com as mãos nos bolsos, afinando a postura jovem com vontade de sorrir e de ser herói. Ele declarava algumas frases como versos ensaiados. - O futuro é um segredo do coração e ele apaixonado, é meu íntimo amigo. Tobonha falava, sorria e pedia em gestos, que fosse convidado a entrar e sentar-se ao lado dela.

A natureza estava orgulhosa de os ver juntos. A emoção era notável por parte dos dois e pareciam como bons terrenos férteis para se plantar sorrisos. Estavam a aspirar flores e não sabiam onde se encontravam. Foram convidados para estarem noutra nível emocional. Enquanto isso, encantava-a com palavras e olhares que depois foi interrompido com um convite.

- Esta à vontade. Entre, Tobonha.

Ambicioso do encontro, entrou apressadamente na casa cuja havia desenhada vários encontros românticos. Como todos os planos nem sempre são como se pensa, Tobonha deparou-se com uma recepção de crianças que desfrutavam da tarde fria, sem pelo menos um chá para se lembrarem da terra da Muralha da China.

Os seus planos quase que batiam record mas, as crianças pareciam-no como uma água fria em plena noite de frio abúlico. Oportunista, Tobonha pensou em chamar as crianças com o pensamento de conquista-las. Sob seu anelo, à distância instigou sorrisos para as crianças e animava-as para chamar a atenção da sua baixinha. A criança mais próxima de Tobonha ofereceu as outras um sorriso completo.

- Sabes de uma coisa, menina? Disse Tobonha para uma das crianças. És tão, tão e tão linda que até me dá vontade de errar o teu nome para te ouvir reclamar. Da vez passada, quando estava a cantar na tua escola, chamei-te por Rosita lembras?

- Mas o meu nome não é Rosita. O meu nome é Ester da Costa e o meu papá disse eu já sou grandinha. Disse a menina orgulhosa de si mesma.

- Hhaaaa, pois...

- E também eu...

- Espere! Interrompeu Tobonha. Espere.

Com uma segunda intenção inicial, a menina começou a sorrir. Enquanto Tobonha a interrompeu seguidamente.

- É o seguinte, para nós cantores, muitas vezes olhamos para as meninas como se fossem flores. Flores lindas...Ééé, tenho muitas amiguinhas andorinhas. E as abelhas visitam-me sempre porque gostam de ouvir as minhas músicas. É próprio dos cantores.

Não deu conta do anoitecer. Se era tarde ou ainda cedo ele já não sabia. A emoção fê-lo cair na vontade de crer que as árvores ainda cantavam na sequência instrumental do vento. Muitas vezes na rua já se calavam. Alheio ao contexto, Tobonha encantava as crianças que mais e mais o queriam ouvir, e saber sobre este nobre cantor.

A sua expressão verbal parecia mesmo como um contador de histórias de filmes, mas que se esqueceu da sua grande oportunidade. A visão já não era das boas. Já estava escuro.

...rrrrrrrs, fãh, psiuss. Ouviu o riscar de palito na caixa de fósforo. O candeeiro foi aceso e a baixinha inventou um sorriso, olhando para Tobonha. Ela posicionou o candeeiro enquanto cruzavam olhares interrogados. Tobonha pestanejou duas vezes com os olhos bem abertos. Mas o silêncio não foi boa eupepsia ao caso, pois, uma das crianças atreveu-se em pedir que Tobonha não parasse com os contos. As outras conservaram a emoção de rir porque eram mais grandinhas e perceberam os olhares dos dois em cena.

- Éééé...muito bem, é...pronto...criancinhas eu...sou um grande cantor mas...Tobonha perdeu a regra morfológica e balbuciava enquanto olhava para várias direcções. Chamo isso de bordões linguísticos.

- Boa...noite! Jamy preferiu saudar Tobonha, enquanto os seus lábios dançavam de dúvida.

Afinal já é noite e ninguém me diz nada!? Pensou silenciosamente. Nem foi a tempo de retribuir a saudação, quando rapidamente as cortina da porta principal de casa se abriu. A frieza da noite recente entrou rapidamente e fez tremer as crianças que estavam sentadas em forma de meia-lua como numa fogueira.

- Boa noite! Uma nova voz grossa interveio ante a pouca luz que nem acabou de se acender.

Um calafrio visitou Tobonha e mesmo sem comer nada rotou e se engasgou mas, conseguiu guardar a chance de ser notado.

- Boa noite!... É verdade...é, sim! Gaguejou com o sorriso desenhado nos lábios mas sem mostrar a cor dos dentes. Sentiu vontade de desmaiar, ou levantar se tivesse sorte. Pensou em recuar o tempo, mas acreditou que ainda não existia uma máquina para isso. Mas também pensou em perguntar onde estaria a dona de casa que nem a conhecia.

- Muito bem...quem é ele, Rosa?

Olhando para qualquer canto a Jamy respondeu.

- Ele é o meu amigo, pai.

Pela resposta da Rosa, sentiu-se orgulhoso e com vontade de agradecer com palmas, mas as mãos ignoraram o pedido de Tobonha. Pensava nos dias bons mas não se esqueceu dos maus dias. Tudo estava num curso anormal. Os minutos estavam cada vez mais lentos. - O que faço? Pensou e repensou...Teve a intenção de estar em sua casa deitado num cadeirão que só tem visto nas novelas. Desenhou algumas empregadas à sua ordem e a se rir de várias vidas e da vida de ter concretizado o plano de se guardar no colo da Rosa. Coitado! Era apenas um favor do sonambulismo. Sorriu. Sem saber que fê-lo. Para se safar da situação, pensou em criar um problema e fugir em seguida. Mas lembrou-se que trocar palavras com uma mulher faz perder dois homens em combate. Endireitou-se vezes sem conta. Cruzou e ajustou as pernas inúmeras vezes até cavar um buraco com a parte traseira dos sapatos.

Lembrou-se de que não havia almoçado e, o seu estômago calculou todas as refeições perdidas e sentiu fome. Então ouviu-se um barulho que julgou-se ter vindo da barriga de Tobonha. Apenas endireitaram os corpos e mais nada.

Os lábios de Tobonha ficaram secos no momento, como um vassalo de um rei sem trono e cansado de tentar fazer greve.

De tanto silêncio ouvia-se o barulho de saliva a atravessar a garganta várias e várias vezes.

Um silêncio igual ao noturno visitou a sala e a cara de Tobonha também. O pobre jovem pensou em inventar uma tosse para mostrar ao senhorio a sua presença, mas, o seu subconsciente o aconselhou a não fazê-lo, pois, a garganta estava tão seca que pudesse sair poeira na boca caso tossisse. Os lábios estavam pintados de fome e a língua visitou várias vezes os limites labiais que já estavam fartos de inventar sorrisos sem significado e fora de suas habilidades. Alegres e sem noção, as criancinhas olhavam para Tobonha e deleitavam-se, julgando que estivesse a fazer a sequência da história que havia faltado a coreografia. A mais corajosa preparou um sorriso bem expresso que se fez acompanhar com algumas palavrinhas.

- O amigo da mana afinal é mesmo um cantor.

- Wao! Já desconfiava! Pela expressão e posição do homem!? Disse o tio Sérgio Cubanita.

Um sorriso barato passou pelos lábios das crianças enquanto Romeu e Julieta só engoliam saliva e pestanejavam obrigatoriamente. Para Tobonha, a parte triste é que o tio Cubanita de tanto pegar na colher de construção e cuidar do cimento, as vezes com as maus, ganhou músculos que nem John Cena na preparação de um combate com Baptista. Como uma chuva no telhado, com os donos de casa distraídos, uma trovoada de perguntas surpreendeu Tobonha.

- Meu caro jovem, você trabalha?

- Sim. Não! Sim, sim mesmo. Eu trabalho. Respondeu Tobonha o mais rápido possível, de forma a conquistar uma conversa.

- Onde é que você trabalha?

- Eu sou ummm...

- Papá ele é cantor. Interveio uma das crianças de nome Vaizi.

- Se é cantor, então canta. Rosa vai ligar o gerador ele vai cantar.

Ele afinal é músico ou cantor sei lá. Então vai cantar aqui! O tio Sérgio queria ouvi-lo a reclamar, e repetia várias vezes e pensava.

- Se esse gajo soltar só uma palavra a me contrariar, mba elo!? Vou lhe chapiscar. Enquanto Tobonha estava aos calafrios, as crianças levantaram e endireitaram as orelhas batendo palmas. As palmas foram rápidas, seguidas de risos emocionais. Não estavam à par da melancolia de Tobonha. É por isso que vale apenas saber um pouco de tudo na vida. Pensou ele. Nem que for para ser cantor numa voz roubada. Talvez...o seu subconsciente se lembrou da música "mulher pequena, de Roberto Carlos" e começou a sussurrar, "não há blusa que se aguarde e nenhum botão que dure esse amor que agente sente"...mas o seu subconsciente gritou para ele - não é momento para isso, não é momento.

De tanto ficar inerte os braços de Tobonha já lhe cobravam mudança e movimentos constantes. Sua posição imóvel, fez com que a cadeira em que se sentava começasse a perder alguns pregos que a uniam. Era mesmo o seu dia. Pensou em visitar os bolsos das calças, a fim de encontrar se possível, o papel que estava escrito "hoje é o seu dia". Mas porquê o meu dia!? Perguntou-se várias vezes enquanto esperava o conselho do seu excelso subconsciente. Mas desta vez, nada.

Enquanto esperava por uma ou mais reacções de seus espectadores, sucedeu um inesperado episódio. Sentiu que o encosto da cadeira das mãos já não tinha pregos e que o encosto de trás e dos braços já não existia mais. Percebeu a incapacidade da cadeira em suporta-lo. Não se esqueceu disso mas quase imóvel, ficou gradualmente a acompanhar a caída do encosto, indo para traz. Pensou em si e para si, e em poucos segundos começou a transpirar. Para preservar a vergonha da cadeira ainda não descoberta, posicionou o corpo e os braços como se estivesse sentado e confortado normalmente no encosto. Mas já não havia encosto na cadeira. Só ele sabia, essa é a parte boa. Ofereceu aos dedos a liberdade de visitarem-se. Cruzava os poucas vezes.

Enquanto isso, tio Sérgio em apenas um minuto esperava por uma justificação mais cimentada. Mas para Tobonha pareciam dias.

De acordo com os empiristas o segredo esta na prática. Mas não há tempo para isso.

Um a um, foram esperando por uma reacção que tanto demorava. Só não sabiam que o silêncio era um aperitivo para cenas iminentes. O jovem começou a analisar as chapas que não se viam lá muito bem atendendo a escuridão que os visitara. Olhar para o tio Sérgio, nem pensar, nem com um piscar de olho. Never!

Eram as horas mais caras de seu existir, e parecia que já não existiam mais minutos nos relógios do planeta terra. - Quem me dera estar na Lua...mas na Lua mesmo. Lá a rotação é contrária. A Geografia é a ciência que estuda a descrição da terra. Eu até lembro que algum dia o sol parou. Talvez não estaria aqui a essa hora, quente! Ai vida! Monologava no seu interior.

Não tardou. O seu estado abúlico trouxe desespero à cadeira por onde sentava.

Rrrrr...cruamm puamm. Finalmente o Tobonha estava com as pernas no ar. Caiu.

- Obaaaa! O amigo da mana também sabe dar filique.
- Chega de malandrices dentro da minha casa...

Já não há tempo de despedir. Pensou Tobonha e meteu-se a correr na direcção mais possível.

Saiu de casa de forma debandada e deparou-se com alguém que não conseguiu saúda-la. Atravessou de forma veloz alguns segundos diante de alguns passos na porta de casa, de onde vinha. Viu a tia Maria, dona de casa. Ela assustada com o encontro agitado e inesperado do jovem, sem saber o que se passa e porque o jovem estava a sair de sua casa, pesnou na sua botija de gás, pensou no dinheiro que estava por baixo da almofada e começou a gritar por socorro e a correr atrás de Tobonha.

- Socorro, socorro, gatuno! Ene vakue, gatuno. Gritava a tia Maria cabisbaixa. Esse malandro deve ter levado a minha botija de gás. Gatunoooooooo!

Pela sorte da tia Maria, as pessoas começavam a sair de outras casa vizinha. A tia Madó que nada sabia, saiu e também começou a gritar:

- Aiwe, tia Maria, socorro, socorro!
- Agarra gatuno! Gatuno...gatuno...
- Agarra gatuno!
- Agarra gatuno. Ouvia-se várias vozes, vindas de direcções variadas a volta do bairro.

A vizinha Madó lembrou-se do seu cão e não vacilou em chama-lo.

- Bobi, squada...agarra Bobi!
- Socorro...
- Squada Bibi! A tia Madó convidou várias vezes o seu cão a correr atrás do suposto gatuno. Em sua vês, o cão alheio à situação, apenas mostrava um ar alegre mexendo o rabicho lentamente mas sem mexer o corpo. Coitado do cão, o seu corpo estava cheio de feridas e foi por isso que decidiu não arriscar mais um biscato barato e sem garantia prévia. Tobonha não olhou para trás. Correu para uma direcção contrária a do portão de saída.

Os que estavam dentro de casa saíram impacientes e vagarosamente, pensando que fosse mais outro caso de intrusos no quintal, e também começaram a gritar.

- Gatunoooooooo, Gatunoooooooo, Gatunoooooooo!

O quintal já estava quase cheio e a Jamy também saiu de dentro de casa e tentava reconhecer Tobonha diante da agitação da casa. Mas a noite já era adulta e não se reconhecia ninguém pelo rosto, apenas pela voz. Nessa confusão, o vizinho Minguito recebeu a informação da situação mal entendida e apressou-se em aparecer ao quintal com os seus dois cães conhecidos como bobí e laica. A postura dos cães pareciam que estivessem preparados para uma demonstração de combate livre até a morte. O cão mais magro não gostou do trabalho, ficou triste e guardou o rabicho. Mas com a coragem do outro, olharam-se, como um toque de partida, ladraram e correram para qualquer direcção deixando poeira.

Através da agitação do capim e pelo rasto da poeira ignorada pela escuridão, cada um concluía a direcção de passos na areia tomada por Tobonha.

A criança que estava no colo da tia Maria, com a chucha na boca, indicou e pra uma direcção e gaguejou

- Oobonha está lá...

## *BIOGRAFLA*



António Fernando Cambongue nasceu no Lubango, província da Huíla, em 1986. Estudou Ciências Humanas no Colégio Novo Horizonte no Lubango.

Trabalhou no Instituto Superior Politécnico Independente (ISPI), onde aprendeu a desenvolver conhecimentos e a aplicá-los com excelência e rigor.

**Autor: António Fernando Cambongue**

**EDITORA DIGITAL**

**"ÁGUA PRECIOSA"**

Telefone: 923 407 949

**Projecto gráfico**

Belson Pedro Raimundo Hossi



Músicas:

Pra Sempre Vou Te Amar

**Abba Pai:** Peruanos Adventistas  
Orginal Meu C

**New Hallelujah:** Michael W. Smith

**Caminho:** Grande Clamor Fundo

**Abovo All:** Michael W. Smith  
Artista Desconhecido

Todos os direitos desta obra reservados a

**António Fernando Cambongue**

Este E-book esta protegido por

Leis de direitos autorais na "CPLP" e na "SADC"

=====  
"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL

Esta obra está sob uma Licença Commons.

Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que

Seja dado crédito aos autores originais -

***Não é permitido modificar esta obra.***

***Não pode fazer uso comercial desta obra.***

***Não pode criar obras derivadas.***

A responsabilidade

Pelos textos, músicas e imagens

É exclusivamente do Autor.

**História fantástica recorrida em pensamentos fictícios que levam cada leitor a ligar-se de letra em letra. Quando o amor fala mais alto, os olhos tornam-se criadores dos imagens e passos iminentes. É aí que garanto que a narração é um engenhoso percurso da caneta e do papel.**

**António Fernando Cambongue nasceu em Angola, província da Huíla, município do Lubango. Estudou no Lubango tendo concluído o Médio em Ciências Humanas.**

---